

## **REFLEXÕES A PARTIR DA PRÁTICA - ANÁLISE DA OFICINA CONHECENDO O GOOGLE DRIVE”.1**

**Raíra Santos Torrico<sup>2</sup>; Richard Romancini<sup>3</sup>**

### **Introdução**

Este artigo visa apresentar uma análise da experiência prática de oficina realizada no curso de extensão Encontro USP-Escola, vinculada à temática Educação a distância e online, métodos e processos de ensino-aprendizagem em redes e tendo como objeto a ferramenta *Google Drive*.

A partir dos estudos realizados na disciplina acadêmica do curso de licenciatura em educomunicação: “Atividades Acadêmicas, Científicas e Culturais III”, o grupo<sup>4</sup> foi convidado a realizar uma oficina que compunha o calendário de atividades do programa de extensão Encontro USP-Escola, sendo o objetivo principal deste projeto propor cursos de atualização para professores de diversas disciplinas do ensino médio, com temas e abordagens diversificadas, procurando responder às demandas atuais da escola básica, como por exemplo, o desenvolvimento de habilidades digitais para professores.

Com a proposta de trabalhar o tema da “Educomunicação na cultura digital”, a reflexão inicial do grupo foi apresentar como, cada vez mais, a tecnologia está presente nos ambientes formais e informais, influenciando o modo de vidas de professores e alunos e modificando a forma como eles se conhecem, interagem e trocam informações. Nesse contexto, a justificativa da oficina é oferecer aos docentes da rede pública vias para acompanhar as mudanças digitais e permitir aos professores conhecimentos para que possam contribuir com a ampliação da cultura digital nas escolas públicas e privadas.

Com isso, pretende-se não apenas propiciar a atualização de conhecimentos, como também criar um ambiente de trocas de experiências, vivências e práticas educacionais entre professores e as diferentes propostas desenvolvidas na USP, dentro do período de realização das atividades.

A partir desse contexto, a principal demanda identificada pelo grupo foi atender a necessidade de atualização na formação dos docentes do ensino médio, abordando

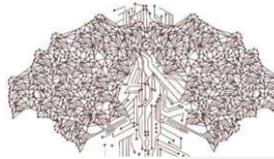
---

1 Artigo apresentado ao Eixo Temático 19: Educação a distância e online, métodos e processos de ensino-aprendizagem em redes, do X Simpósio Nacional da ABCiber.

2 Pesquisadora é estudante da Escola de Comunicações e Artes. É licencianda da educomunicação (ECA). E-mail: raira.storrico@gmail.com.

3 Pesquisador e professor doutor da Escola de Comunicações e Artes. É doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (2006) e leciona a disciplina Atividades Acadêmicas, Científicas e Culturais III (ECA). E-mail: richard.romancini@gmail.com.

<sup>4</sup> O grupo inicial foi formado pelos estudantes da licenciatura em Educomunicação Carla Grella, Daniella Fideles, César Augusto e Raíra S. Torrico.



questões relativas à presença da mídia como ator social e mediação educativa (Martín-Barbero:2001), para explorá-la como conteúdo e como estratégia de suas práticas pedagógicas.

Dessa forma, o computador, como um importante representante da tecnologia, deve participar da construção de conhecimento dos alunos, tendo o professor como mediador deste processo.

O conceito de mediador pode ser entendido como:

[...] Reconhecemos que o campo da inter-relação comunicação/educação se materializa em algumas áreas de intervenção social, tais como [...] b) A área da mediação tecnológica na educação, compreendendo o uso das tecnologias da informação nos processos educativos. Trata-se de uma área que vem ganhando grande exposição devido à rápida evolução das descobertas tecnológicas e de sua aplicação ao ensino, tanto o presencial quanto o a distância. Sabemos que os recursos tecnológicos clássicos, como o rádio e a televisão, tiveram dificuldade de ser absorvidos pelo campo da educação, especialmente por seu caráter lúdico e mercantil. Tal fato foi o principal responsável pela resistência dos educadores em dialogar com as tecnologias. O computador veio abalar essa dicotomia, pois possui em si mesmo os meios de produção de que o pequeno produtor cultural – o aluno e o professor - necessitam para seu trabalho diário. (SOARES, 2000, p.22)

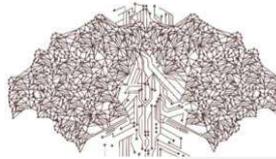
O ensino através das recentes TICs – Tecnologias da Informação e Comunicação, tem como principal mediador o professor, que por sua vez, tem como função destacar ajudar o estudante a buscar informações, questionar e formar ideias relacionadas ao que foi estudado e debatido, em um viés educativo mais aberto e construtivista, criando caminhos para que o processo de aprendizagem possa ser percebido como “um processo pessoal, reflexivo e transformador no qual ideias, experiências e pontos de vista são integrados e algo novo é criado.”<sup>5</sup> Dentro desta ideia, o estímulo ao corpo discente deve partir de algo já vivenciado pelo docente, afim de permitir algum significado próprio para todos os conteúdos vistos em sala de aula, ou seja, a construção de conhecimentos começa nas vivências previamente percebidas e praticadas pelos professores e alunos. Assim, este novo papel do professor tem a função de acompanhar e orientar os estudantes, ajudando-os a desenvolver aprendizados junto aos *softwares online*, como o *Google Drive*, ferramenta escolhida para a oficina, e aprimorando sua manipulação a cada uso.

Por TICs, conforme apresentado por Miranda<sup>6</sup>, podemos entender que:

---

<sup>5</sup> SANDHOLTZ, J. Haymore. Ensinando com tecnologia: criando salas de aula centradas nos alunos. Porto Alegre: Artes Médicas. 1997. p. 29.

<sup>6</sup> Guilhermina L. Miranda, licenciada em psicologia pela Universidade do Porto. Mestra em Psicologia Educacional e Doutora em Educação pela Universidade de Lisboa. Ensina e pesquisa nas áreas de psicologia da educação e tecnologia educacional, incluindo teorias e modelos de aprendizagem humana e design instrucional.



O termo Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) refere-se à conjugação da tecnologia computacional ou informática com a tecnologia das telecomunicações e tem na Internet e mais particularmente na *World Wide Web* (WWW) a sua mais forte expressão. Quando estas tecnologias são usadas para fins educativos, nomeadamente para apoiar e melhorar a aprendizagem dos alunos e desenvolver ambientes de aprendizagem, podemos considerar as TIC como um subdomínio da Tecnologia Educativa. (MIRANDA, 2007, p.43)

Para a autora, as TICs fazem parte do domínio da Tecnologia Educativa, apresentando também o conceito desta, sendo:

Esta definição tem em conta o que é considerado o domínio da Tecnologia Educativa que engloba três subdomínios que vão influenciar o aluno e a sua aprendizagem. São eles: 1) as funções de gestão educacional, 2) as funções de desenvolvimento educacional, e 3) os recursos de aprendizagem. (MIRANDA, 2007, págs. 42-43).

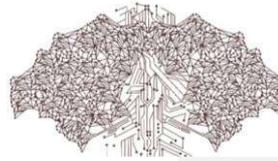
Assim, para desenvolver o domínio sobre as TIC, a partir das Tecnologias Educativas, é preciso considerar a soma de conhecimentos, competências e atitudes em relação aos computadores possibilitando a formação de uma confiança com a tecnologia computacional para aplicá-la em sua vida diária. (MIRANDA, 2007).

Além deste conjunto, a autora também aponta três subdomínios que influenciam este processo de aprendizagem, sendo o primeiro “as funções de gestão educacional”, referindo-se às chamadas competências digitais<sup>7</sup>, habilidades cada vez mais exigidas dentro da atual Era da Informação, como manusear o mouse, digitar, abrir arquivos, navegar na internet, dentre outras ações básicas necessárias para usar os dispositivos tecnológicos.

O segundo subdomínio que a autora cita são “as funções de desenvolvimento educacional”, uma continuação do primeiro subdomínio, visto que após possuir estas habilidades essenciais, é necessário um esforço de reflexão e modificação de concepções, metodologias e práticas de ensino para desenvolver ações de integração com as tecnologias dentro da sala de aula, expandindo seus usos para além dos pessoais. Esta mudança também encontra uma série de obstáculos para se concretizar, seja por falta de: infraestrutura, apoio técnico, recursos financeiros, domínio pedagógico, ou ainda “mau comportamento e atitudes dos alunos, o ambiente físico, problemas técnicos e gerenciamento de software e a dinâmica do ambiente da sala de aula.”<sup>8</sup>

<sup>7</sup> Podem definir-se numa variedade de aptidões e conhecimento com um vasto âmbito de aplicações. Identificam-se competências digitais (1) pela capacidade em utilizar as tecnologias digitais, (2) pela capacidade em utilizá-las de uma forma concreta para trabalhar, estudar e para as várias atividades que compõem a vida quotidiana, (3) pela capacidade em avaliar criticamente as tecnologias digitais e (4) pela motivação em participar na cultura digital. Fundação para a Ciência e Tecnologia. Portugal.

<sup>8</sup> SANDHOLTZ, J. Haymore. Ensinando com tecnologia: criando salas de aula centradas nos alunos. Porto Alegre: Artes Médicas. 1997. p. 65.



Como último subdomínio, a autora pontua sobre “os recursos de aprendizagem”. Se os professores não possuírem as competências digitais apresentadas nos primeiro e segundo subdomínios, o desenvolvimento deste terceiro subdomínio será comprometido, pois é neste subdomínio que se encontram as questões políticas, os valores morais e as crenças pessoais. Por exemplo, as concepções de que a tecnologia *per si* poderiam resolver as questões complexas sobre aprendizagem, idealizando que é suficiente fornecer os *softwares* e *hardwares* conectados à internet nas salas de aula para que os alunos aprendam e as práticas se alterem se mostraram errôneas. Como colocado por Sandholtz:

“De fato, a tecnologia acrescentou mais uma camada de complexidade, trazendo todo um conjunto de coisas novas para os professores aprenderem e gerenciarem, podendo considerar a missão de lidar com esses novos sistemas e equipamentos equivalente a tratar as complexas questões da cognição humana, política e valores já recorrente nas instituições escolares.” (SANDHOLTZ, 1997).

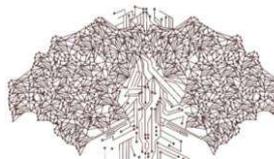
Por estes três subdomínios se relacionarem e influenciarem os alunos e suas aprendizagens, o grupo acompanhou e acredita ter contribuído com este processo de mudança digital da sociedade, desenvolvendo a oficina com os professores de diversas áreas educacionais da rede pública municipal e estadual do ensino médio, para trocar experiências e vivências durante uma semana, com espaços para discussão, apresentação de conceitos tecnológicos e atividades a serem realizadas pela turma, estimulando a participação ativa e o desenvolvimento da habilidade de mediação, dentro do programa de extensão Encontro USP-Escola.

#### Encontro USP-Escola

O Encontro USP-Escola é um programa de extensão que oferece gratuitamente cursos de atualização para professores de diversas disciplinas do ensino médio e apresenta como objetivos específicos:

- Apoiar-se na Proposta Curricular do Estado de São Paulo nas diferentes disciplinas para o trabalho de atualização dos professores matriculados;
- Prover o apoio necessário ao trabalho do professor, mediante orientação e discussão de conteúdo e elementos didáticos;
- Disseminar as práticas desenvolvidas em curso para as escolas;
- Desenvolver materiais didáticos para o ensino de Ciências e de Física, a serem utilizados nas escolas pelos professores-alunos do Encontro;
- Produzir e divulgar conhecimentos acadêmicos;
- Construir *kits* experimentais.

Estes objetivos são viabilizados por meio de temas e abordagens diversificadas, procurando responder a demandas atuais da escola. Durante as atividades, o aprendizado é intensificado pela troca entre as vivências e práticas educacionais de



professores e as diferentes propostas desenvolvidas na USP, sendo elaboradas de modo transversal para envolver a participação de diversas unidades, como o Instituto de Física, o Instituto Oceanográfico e a Escola de Comunicações e Artes.

O Encontro constituiu-se em diversos cursos de 40 horas ministrados paralelamente para professores do ensino fundamental e médio durante o período de férias escolares, nos meses de janeiro e julho, acompanhados de palestras e debates de interesse geral, bem como de oficinas e outras atividades culturais. Sua primeira edição foi em 2007 como Encontro IFUSP-Escola, pois correspondia apenas a cursos de física ministrados por professores do IFUSP. Foram realizadas 7 edições com esse formato, quando em janeiro de 2011, devido à incorporação deste encontro no projeto CAPES USP-Novos Talentos, o mesmo foi ampliado a outras unidades da Universidade e passou a ser denominado Encontro USP-Escola. Desde sua nova implementação, já foram realizados 15 encontros, sendo que o décimo quarto e o décimo quinto encontro foram realizados durante 2017 e 2018 (julho e janeiro, respectivamente).

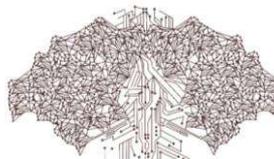
O Encontro é coordenado pela Profª. Vera Henriques e organizado pela comissão, facilitando o oferecimento de cursos pelos docentes participantes. A programação do Encontro é proposta pelo Grupo de Trabalho USP-Escola, constituído de professores do IF e de professores da rede pública de ensino básico. A comissão oferece um sistema de inscrições via web, facilitando a informatização de dados e a confecção de relatórios, bem como um melhor tratamento a toda a infraestrutura dos cursos – desde o contato com professores, difusão de informações e a comunicação destes com os inscritos, feita de forma fácil e rápida. Para maior conforto dos inscritos, a comissão consegue também junto à Diretoria do IFUSP e outros órgãos da USP (Fomento da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão, Coordenadoria de Saúde e Assistência Social e Centro de Práticas Esportivas da USP) o auxílio necessário para provisão de refeições e hospedagem subsidiados. Toda essa estrutura criou facilidades para que o Encontro se desenvolvesse e atingisse novas dimensões no contexto da Universidade, chegando em 2015 a mais de 600 professores de ensino médio participantes e atingindo indiretamente em torno de 150 mil estudantes de ensino médio.

É importante destacar também que os cursos ministrados durante estes encontros têm o reconhecimento da Escola de Formação e Aperfeiçoamento dos Professores do Estado de São Paulo “Paulo Renato Costa Souza” (EFAP), órgão da Secretaria de Estado da Educação responsável pela validação de cursos, elencando as disciplinas dos Encontros USP-Escola entre os cursos válidos para pontuação dos professores na carreira do Estado.<sup>9</sup>

### **O Projeto**

---

<sup>9</sup> Todos os dados citados foram extraídos do Relatório Anual de Atividades, da Comissão de Cultura e Extensão do Instituto de Física da USP. 2015.



A indagação inicial do grupo ao realizar a Oficina foi “como podemos desenvolver a habilidade de mediação tecnológica dos professores?”, no entanto, com o decorrer do planejamento da Oficina e a orientação do professor responsável, o grupo percebeu determinadas características fundamentais para o desenvolvimento da habilidade de mediação tecnológica, abordadas na introdução deste artigo.

A primeira característica levantada pelo grupo foi possuir o domínio técnico das ferramentas *online*, conforme apresentada por outros autores que abordam a temática das TICs na educação. Por isso, foi necessário inserir uma introdução técnica simples às ferramentas disponíveis no *Google Drive* para, em seguida, planejar e apresentar os possíveis usos em sala de aula, de modo a contribuir com a articulação entre estudantes, professores e a ferramenta *Google Drive*.

Após a realização da oficina, as análises apresentadas no Simpósio foram as reflexões sobre as possíveis relações da mediação tecnológica nas práticas educativas a partir das discussões levantadas pelos professores e sobre os processos de ensino-aprendizagem em rede, considerando os novos contextos digitais e as novas formas de desenvolver conhecimentos em grupo, considerando como indicador principal a concretização do objetivo geral: propiciar a atualização de conhecimentos para os docentes da rede pública, criar um ambiente de trocas de experiências entre as vivências e as práticas educacionais de professores e as diferentes propostas desenvolvidas na USP e atender a necessidade de atualização na formação dos docentes de todos os níveis de ensino, abordando questões relativas à presença da mídia como ator social e mediação educativa para explorá-la como conteúdo e como estratégia de suas práticas pedagógicas.

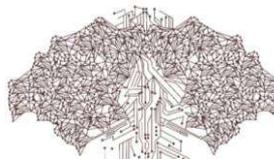
Objetivos da oficina “Conhecendo o Google Drive”

Para viabilizar o projeto da oficina, foram considerados os seguintes objetivos específicos:

- Apresentar a ferramenta *Google Drive* para os professores participantes do 10º USP Escola, com a finalidade de que conheçam algumas funções e possam aplicá-las dentro da sala de aula ou em sua rotina profissional;
- Proporcionar uma instrumentalização possível dentro do contexto escolar;
- Compreender o conceito de construção compartilhada e suas variadas possibilidades dentro e fora do contexto escolar.

#### **Desenvolvimento da oficina**

Após definido o calendário de atividades do evento, o grupo estabeleceu que a oficina teria uma duração total de 6 horas, dividida em 2 dias. Os próprios integrantes do grupo foram responsáveis por conduzir todos os encontros, sendo tanto mediadores como monitores para esclarecer possíveis dúvidas durante as atividades. Por se tratar de uma oficina com a temática da “Educomunicação na cultura digital”, planejou-se as atividades em 3 ambientes diferentes, para que os participantes fossem divididos



e pudessem compreender e vivenciar as vantagens e as dificuldades de se trabalhar com a ferramenta *Google Drive*. Dessa forma, para viabilizar os objetivos estruturados, optou-se por iniciar o encontro com uma explicação conceitual de aproximadamente 30 minutos, introduzindo questões sobre:

- As vantagens e desvantagens dos arquivos *online* e *offline*;
- Os conceitos de armazenamento nas nuvens e do acesso universal aos arquivos *online*;
- A comparação entre os diferentes serviços de hospedagem *online*;
- A definição da construção colaborativa por meio do compartilhamento de arquivos *online*.

Após concluir esta introdução, os professores foram divididos em grupos menores de 3 e 4 integrantes, separados em ambientes diferentes, para realizar as atividades práticas *online* durante o período restante, de 1 hora e 30 minutos. Durante a realização das atividades, foi possível observar algumas reações.

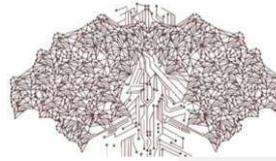
Para alguns professores, aquele momento foi o primeiro contato com a ferramenta, sendo realizado as configurações iniciais nos aparelhos celulares e computadores disponibilizados para a atividade (como instalar os aplicativos necessários e criar uma conta de *e-mail* no *Gmail*), com o apoio e orientação dos monitores. Já para outros participantes, que faziam algum uso anterior, pessoal da ferramenta, foi um momento para conhecer, entender e explorar certos recursos do *Google Drive*, como criar uma nova pasta e configurar as opções para compartilhar arquivos com o restante do grupo, além de esclarecer possíveis dúvidas.

Após este contato inicial, os participantes eram orientados para realizar alguns exercícios com as ferramentas do *Google Documentos*, produzindo um material coletivo sobre atividades educativas para serem apresentadas no segundo dia do encontro. Assim, o primeiro dia da oficina foi organizado para realizar as reflexões iniciais sobre a tecnologia e seus usos mais a realização da atividade prática, enquanto o segundo dia foi reservado para as apresentações, discussões, conclusão dos materiais produzidos e a finalização da oficina.

Desta forma, acreditamos que foi possível criar uma oportunidade de aprendizagem da ferramenta *Google Drive* na prática para todos os envolvidos, sensibilizando os professores para identificar oportunidades de uso dessas tecnologias e superar os obstáculos encontrados em seus cotidianos.

### **Obstáculos**

No Brasil, as políticas voltadas para a inclusão das TICs na educação ainda estão nos estágios iniciais, mas as iniciativas que podemos encontrar tanto na rede pública como na privada são fundamentais para fomentar novas formas de distribuição do conhecimento para os diversos setores sociais. Porém, as reflexões sobre os usos das



tecnologias como parte do processo de aprofundamento nas mudanças da sociedade e seus impactos educacionais ainda não tem recebido a devida atenção. (UNESCO, 2010)

Por isso, um dos cuidados que o grupo teve ao desenvolver esta oficina foi pensar em formas de trabalhar a tecnologia nas salas de aula de forma não utópica e adaptadas às distintas realidades das escolas brasileiras. Sabemos que grande parte dos estabelecimentos de ensino público estaduais e municipais não contam com uma boa infraestrutura de internet, e que tantos outros não possuem laboratórios de informática ou equipamentos disponíveis aos alunos, portanto, na oficina, foi pensado na interação dos grupos de forma que, pelo menos, um docente realizasse as atividades pelo celular, tanto para perceber as limitações e dificuldades da plataforma, como para compreender as possíveis formas para realizar a interação com as ferramentas do *Google* por meio do dispositivo móvel. A interação por meio do celular também foi contextualizada e incentivada, pois durante a oficina foi recorrente comentários de que os alunos dispunham dessa tecnologia portátil, compartilhando dados móveis e se mantendo fortemente conectados, mesmo em instituições que proíbem o uso do aparelho em sala de aula.

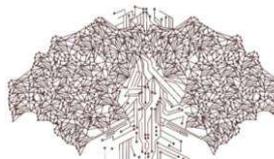
O próprio dispositivo móvel foi, inclusive, um dos obstáculos para o desenvolvimento do projeto, pois alguns docentes não tinham nenhuma interação com ferramentas do *Google* pelo celular, de modo que foi necessário realizar a instalação inicial dos aplicativos, para posteriormente participar das atividades, reduzindo o tempo de produção.

### **Relação com a Educomunicação**

O diferencial da proposta de oficina utilizando o *Google Drive*, foi abordar o conceito e as práticas da relação entre a comunicação e a educação, enquanto procedimentos favorecedores de ações interdisciplinares (visto que os participantes lecionavam distintas disciplinas escolares), tanto no âmbito da relação dos adolescentes e jovens com o mundo da mídia (educação para uma recepção ativa das mensagens dos meios de comunicação), quanto no âmbito do emprego dos recursos da informação, como exercícios que viabilizem o protagonismo dos professores no domínio das novas linguagens.

Estas características fazem parte do campo de mediação tecnológica da educação, que, conforme Soares, pode ser definido como:

A área de intervenção Mediação Tecnológica na Educação contempla o estudo das mudanças civilizatórias decorrentes da incidência das tecnologias no cotidiano das pessoas e grupos sociais, assim como o uso das tecnologias da informação nos processos educativos, seja os presenciais seja os a distância. (SOARES, 2002, p. 119)



Tal estudo também apresenta como características: a relevância da técnica no âmbito da constituição de novas tecnologias; o impacto da tecnologia no desenvolvimento humano dentro de contextos sociais específicos; a exploração da potencialidade do virtual e do meio digital na constituição dos processos digitais e analógicos; e o papel e o uso das tecnologias no contexto da mediação intencionada pela Educomunicação.<sup>10</sup>

Cada uma das características citadas anteriormente apresenta um leque de novas reflexões que servem como bases para estabelecer as relações do tema de mediação tecnológica com a área da educomunicação, no entanto, o foco deste artigo está na análise da oficina realizada para o programa Encontro USP-Escola, de modo que esta discussão não será explorada neste trabalho.

Por ter sido elaborada para atender uma demanda específica dentro do programa de extensão Encontro USP-Escola, o grupo limitou-se a explorar principalmente o impacto da tecnologia no desenvolvimento humano dentro de contextos sociais específicos (escolares), de modo que tanto a introdução teórica, como a parte prática do projeto se complementaram para que os professores pudessem compreender e elaborar suas próprias formas para incluir as tecnologias e seus potenciais de uso dentro da sala de aula.

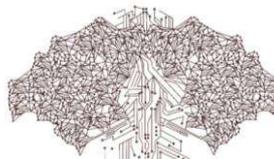
Outra relação do projeto estabelecida com a área da educomunicação foi por promover práticas educacionais que colaboram com o processo de aprendizagem pelos participantes sobre outras práticas educativas, ou seja, experiências anteriores, através do eixo da comunicação.

Por práticas educacionais, podemos entender como o:

Conjunto de usos, costumes, modelos didáticos e convenções que, subsidiados pela *práxis* educacional, sintetizam-se conceitualmente e geram novos modos de fazer, novos tipos de experiência de aprendizagem estruturada. Sob a perspectiva linguística da comunicação, ela se manifesta no hábito articulatório discursivo de um determinado grupo de sujeitos durante o desenvolvimento das experiências de aprendizagem nas atividades de intervenção educacional. [...] A concepção dessa prática educacional está na instância da Didática<sup>11</sup> e busca viabilizar a organização do ensino operando, de modo contextualizado, em circunstâncias históricas e sociais definidas. (COSTA, 2017, p. 26)

<sup>10</sup> COSTA, Edson. Mediação da aprendizagem e o perfil profissional do educador: o mediador no contexto da *práxis* e prática educacionais. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educomunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. p. 59-60.

<sup>11</sup> N. do A: O termo Didática é empregado aqui com letra maiúscula pois remete à noção de “disciplina que busca compreender o processo de ensino em suas múltiplas determinações, para intervir nele e orientá-lo na direção política almejada” (MARTINS, 2012, p. 09). Este termo é usado aqui em contraposição ao termo didática (grafado com letra minúscula) que é visto como sinônimo de métodos e técnicas de ensino.



Em suma, tais práticas educacionais, podem ser entendidas como os “usos, costumes, modelos didáticos e convenções” que envolvem uma reflexão teórica estruturada, intencional, que termina (ou começa) nas ações dos sujeitos envolvidos na “experiência de aprendizagem estruturada” (formal, informal ou não formal), o autor conclui esta prática como sendo: “ação reflexiva que problematiza, por meio de operações simbólicas, a relação do educando com o mundo e gera o despertar de sua consciência para o incremento de suas ações em sociedade.” (COSTA, 2017, p. 26).

Por fim, a ênfase para o eixo da comunicação dá-se por meio de uma série de indicadores, tanto pela instituição onde foi realizada a oficina – na Escola de Comunicações e Artes – como pela abordagem adotada para o projeto, de modo que, mesmo trabalhando com mediação tecnológica, não demos um foco instrumental sobre a ferramenta, abrangendo e provocando mais reflexões sobre os usos pedagógicos dela do que apresentando questões de configurações técnicas, ou mesmo abordando explicações sobre o mecanismo de funcionamento desta tecnologia, como a linguagem de programação e códigos por trás do funcionamento do *Google Drive*.

### **Resultados**

Os resultados alcançados por todos os envolvidos na realização do programa podem ser mensurados de formas distintas, sendo:

Para os participantes, os resultados do programa, de modo geral, são a contribuição e a atualização deste profissional para melhorar sua atuação, abordando diferentes temáticas em sala de aula. A avaliação realizada pelo grupo ficou a cargo dos organizadores do Encontro USP-Escola, visto que a oficina “Conhecendo o Google Drive” compôs o quadro de atividades do programa.

Para o programa, ficam as contribuições, os debates e as reflexões ocorridas durante a semana, identificando novos temas para serem abordados e oportunidades de melhoria em futuras edições.

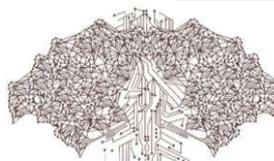
Por fim, para o grupo responsável pelo planejamento e aplicação da oficina, o principal resultado foi compreender o processo de desenvolvimento da habilidade de mediação tecnológica e gestão de projetos.

### **Conclusão**

Criada como um trabalho de conclusão de uma disciplina acadêmica, a oportunidade de ir além da sala de aula e realizar todo o desenvolvimento prático do projeto foi uma oportunidade muito enriquecedora, em vários sentidos: tanto por trabalhar com um público mais experiente, docentes em atuação nas escolas municipais e estaduais, como por planejar e realizar toda a gestão da oficina, apresentando os possíveis usos em sala de aula, de modo a contribuir com a mediação entre os estudantes, os professores e as ferramentas do *Google* em um programa de extensão da Universidade de São Paulo.



**X Simpósio Nacional da ABCiber**  
**Conectividade, Híbridação e Ecologia das Redes Digitais.**  
14 a 16 de Dezembro de 2017 – Escola de Comunicações e Artes  
da Universidade de São Paulo.



Após a finalização do 10º Encontro USP-Escola, o projeto “Conhecendo o Google Drive” continuou em andamento, sendo realizado nas 11ª e 15ª edições do programa USP-Escola, em 2015 e 2018, respectivamente, e se tornando até um projeto de capacitação tecnológica para os funcionários administrativos da Escola de Comunicações e Artes, e mais recentemente, sendo o objeto de análise e reflexão para o X Simpósio Nacional da ABCiber, de modo que ele continua ativo, sendo aprimorado a cada nova edição.

**Palavras-chave: TICs, educação, educomunicação, Google Drive, mediação tecnológica.**

**Referências bibliográficas:**

COSTA, Edson. Mediação da aprendizagem e o perfil profissional do educador: o mediador no contexto da práxis e prática educacionais. 2017. 77 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educomunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

Comissão de Cultura e Extensão do Instituto de Física da USP. Relatório anual de Atividades. CCEX-IF. 2015. Disponível em:  
<<http://portal.if.usp.br/extensao/sites/portal.if.usp.br/extensao/files/Relatorio2015.pdf>>. Acesso em: 29/01/2018.

Fundação Para a Ciência e Tecnologia. Competências Digitais. Portugal. Sem data. Disponível em: <<https://www.fct.pt/dsi/competenciasdigitais/>>. Acesso em: 25/01/2018.

LOPES, Priscila Malaquias Alves; MELO, Maria de Fátima Aranha de Queiroz e. O uso das tecnologias digitais em educação: seguindo um fenômeno em construção. *Psicol. educ.*, São Paulo, n. 38, p. 49-61, jun. 2014. Disponível em:  
<[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-69752014000100005&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752014000100005&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 30/01/2018.

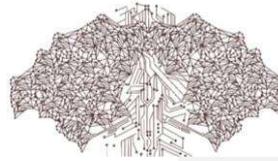
MIRANDA, Guilhermina Lobato (2007). Limites e possibilidades das TIC na educação. *Sísifo. Revista de Ciências da Educação*, 03, pp. 41-50. Disponível em:  
<<http://ticsproeja.pbworks.com/f/limites+e+possibilidades.pdf>> Acesso em: 10/09/2017.

POZO, J. I. (2004). A sociedade da aprendizagem e o desafio de converter informação em conhecimento. *Pátio, Revista Pedagógica*, 8(31). Disponível em:  
<<http://www.udemo.org.br/A%20sociedade.pdf>> Acesso em 12/10/2017.

SANDHOLTZ, J. Haymore. *Ensinando com tecnologia: criando salas de aula centradas nos alunos*. Porto Alegre: Artes Médicas. 1997.



**X Simpósio Nacional da ABCiber**  
**Conectividade, Híbridação e Ecologia das Redes Digitais.**  
14 a 16 de Dezembro de 2017 – Escola de Comunicações e Artes  
da Universidade de São Paulo.



SOARES, Ismar de O.(2000a) Educomunicação: um campo de mediações. Revista Comunicação & Educação no 19. São Paulo, Segmento/ECA/USP, ano 7, p.12-24, set./dez. 1996.

SOARES-Leite, W. S.; NASCIMENTO-Ribeiro, C. A. do (2012). A inclusão das TICs na educação brasileira: problemas e desafios. Magis, Revista Inter-nacional de Investigación en Educación,5 (10), 173-187.A inclusão das TICs na educação brasileira: problemas e desafios. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/html/2810/281024896010/>> Acesso em: 15/09/2017.

UNESCO. TIC na educação do Brasil. Disponível em: <<http://www.unesco.org/new/pt/brasil/communication-and-information/access-to-knowledge/ict-in-education/>> Acesso em: 28/09/17.